



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

WEDISLANE KATARYNE FERNANDES DE OLIVEIRA

**AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DE ESTUDOS
PUBLICADOS NO BRASIL (2000-2025)**

Maceió
2025.

WEDISLANE KATARYNE FERNANDES DE OLIVEIRA

**AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DE ESTUDOS
PUBLICADOS NO BRASIL (2000-2025)**

Artigo científico apresentado como
exigência parcial para a conclusão do
Curso de Pedagogia do Centro de
Educação da Universidade Federal de
Alagoas.

Orientadora: Janayna Paula Lima de
Souza Lira

Maceió
2025



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

Ata de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Aos 25 dias do mês de novembro de 2025 foi instalada a Sessão de Defesa de Trabalho de Conclusão do Curso (TCC) do Curso de Pedagogia do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas, às 14h na Sala Virtual do Google Meet, <https://meet.google.com/edo-uxdq-yev>, a que se submeteu o/a licenciando/a Wedislane Kataryne Fernandes de Oliveira apresentando o trabalho intitulado “Agressividade infantil no ambiente escolar a partir de estudos publicados no Brasil (2000-2025)” como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado/a em Pedagogia, tendo como Banca Examinadora já referendada pelo Colegiado do Curso os/as Professores/as Me. Marcos Paulo de Oliveira Sobral (Campus Arapiraca/UFAL), Professora Dra. Valéria Campos Cavalcante (CEDU/UFAL), sob a presidência da Professora Dra. Janayna Paula Lima de Souza Lira (CEDU/UFAL).

Analizando o trabalho a Banca atribui a seguinte menção:

(X) APROVADOS/AS () REPROVADOS/AS

OBSERVAÇÃO: A banca recomenda que se façam as alterações indicadas.

Maceió, 25 de novembro de 2025.

Documento assinado digitalmente



JANAYNA PAULA LIMA DE SOUZA LIRA
Data: 25/11/2025 15:39:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Janayna Souza (CEDU/UFAL)
Presidente

Documento assinado digitalmente



MARCOS PAULO DE OLIVEIRA SOBRAL
Data: 25/11/2025 19:50:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Marcos Paulo de Oliveira Sobral (Campus Arapiraca/UFAL)

Documento assinado digitalmente



VALERIA CAMPOS CAVALCANTE
Data: 25/11/2025 15:51:10-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Valéria Campos Cavalcante (CEDU/UFAL)

AGRADECIMENTOS

Não existem palavras que expressem plenamente minha profunda gratidão à minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Janaína Souza, que, durante todo este percurso, me apoiou e me guiou de maneira extraordinária. Sua paciência, dedicação e, acima de tudo, seu afeto, foram fundamentais para que eu chegasse até aqui. Levarei comigo, para sempre, o carinho, a coragem e os ensinamentos que me ofereceu. Seu profissionalismo aliado à sua humanidade honra-me imensamente enquanto orientanda.

Agradeço, com igual carinho, à minha família, que esteve ao meu lado durante toda a graduação, oferecendo apoio incondicional. Agradeço também meus amigos, que seguraram minhas mãos nos momentos mais difíceis e me ajudaram a trilhar este caminho com leveza e segurança.

Por fim, meu agradecimento mais profundo e eterno é ao meu pai, que acompanhou cada passo da minha trajetória, desde a matrícula até o meu último dia de aula. Embora não esteja fisicamente presente na minha colação de grau, sei que estará comigo em cada conquista da minha vida. Estendo esta homenagem ao meu irmão Anderson, que também seguirá sempre vivo em meu coração e que me ensinou que nada é impossível para aqueles que persistem. Dois homens que amei profundamente, que partiram ao longo da minha graduação, mas que permanecem presentes em meus pensamentos e em minha história. A eles, devo minha eterna gratidão.

AGRESSIVIDADE INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR A PARTIR DE ESTUDOS PUBLICADOS NO BRASIL (2000-2025)

Wedislane Kataryne Fernandes de Oliveira

wedislane.oliveira@cedu.ufal.br

Janayna Souza

janayna.souza@cedu.ufal.br

RESUMO: Este estudo tem como objetivo compreender as manifestações da agressividade infantil no contexto escolar, analisando suas possíveis causas, formas de expressão e impactos no processo de aprendizagem e nas relações sociais das crianças. A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica e fundamenta-se em autores clássicos da Psicologia do Desenvolvimento, como Freud, Klein, Winnicott, Piaget, Vygotsky, Wallon e Skinner, além de pesquisas contemporâneas que discutem a agressividade na infância sob diferentes perspectivas teóricas e educacionais. Foram consultadas obras, artigos científicos disponíveis na plataforma SciELO Brasil. A análise dos materiais evidenciou que a agressividade infantil pode assumir formas explícitas, como agressões físicas e verbais, ou manifestações mais sutis, como isolamento e apatia, estando diretamente relacionada a fatores emocionais, familiares, sociais e escolares. Os resultados apontam que muitos professores ainda não se sentem preparados para lidar com comportamentos agressivos, devido à ausência de formação específica e ao desconhecimento de estratégias de intervenção. Observou-se também que a escola é um espaço privilegiado de expressão emocional, onde a criança revela vivências e conflitos internos que nem sempre conseguem ser compreendidos. Conclui-se que compreender a agressividade infantil requer uma abordagem ampla e sensível, que considere o desenvolvimento emocional da criança e integre práticas pedagógicas acolhedoras, favorecendo um ambiente seguro, estruturado e mediador das relações sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Agressividade infantil. Desenvolvimento emocional. Educação Infantil. Prática docente. Psicologia do desenvolvimento.

ABSTRACT: This study aims to understand the manifestations of childhood aggression in the school context, analyzing its possible causes, forms of expression, and impacts on learning processes and children's social relationships. This is a bibliographical research grounded in classical authors of Developmental Psychology, such as Freud, Klein, Winnicott, Piaget, Vygotsky, Wallon, and Skinner, in addition to contemporary studies that discuss childhood aggression from different theoretical and educational perspectives. Books, scientific articles, dissertations, and academic works available in databases such as SciELO Brasil were consulted. The analysis showed that childhood aggression can appear in explicit forms, such as physical and verbal aggression, or in more subtle manifestations, such as isolation and apathy, and is strongly related to emotional, family, social, and school factors. The results indicate that many teachers still feel unprepared to deal with aggressive behaviors due to the lack of specific training and adequate intervention strategies. It was also observed that school is a privileged space for emotional expression, where children reveal experiences and internal conflicts that are not always understood. It is concluded that understanding childhood aggression requires a broad and sensitive approach that considers emotional development and integrates welcoming pedagogical practices, promoting a safe, structured, and supportive environment for social interactions.

Keywords: Childhood aggression. Emotional development. Early Childhood Education. Teaching practice. Developmental psychology.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como foco a agressividade infantil, buscando compreender suas causas, formas de manifestação e possíveis impactos no ambiente escolar. A fundamentação teórica foi construída com base em autores que discutem o desenvolvimento infantil e que, em algum momento, abordam também comportamentos agressivos, mesmo que de maneira indireta. O objetivo é analisar

como a agressividade surge na infância, quais fatores podem influenciar essas atitudes e como a escola pode compreender melhor esse fenômeno.

A escolha do tema surgiu a partir das experiências da autora durante o estágio supervisionado, onde foi possível observar que a agressividade é um comportamento presente em diferentes turmas, aparecendo tanto nas crianças mais novas quanto nas que já possuem certa maturidade emocional. A vivência prática mostrou que, apesar de existir muita teoria sobre o desenvolvimento infantil, ainda há pouca orientação direta sobre como lidar com comportamentos agressivos na rotina da sala de aula, dificultando o trabalho docente.

Assim, este estudo busca preencher uma lacuna que muitos profissionais enfrentam ao chegar na escola: a falta de preparo específico para lidar com situações que envolvem agressões físicas, verbais, disputas constantes e conflitos de relacionamento entre as crianças. Mesmo sabendo que tais comportamentos fazem parte do processo de amadurecimento emocional, é necessário que a escola e o professor desenvolvam um olhar mais atento para compreender o que pode estar por trás desses gestos.

Outro ponto importante é que a escola, muitas vezes, se torna o espaço onde a criança expressa emoções que não consegue demonstrar em outros ambientes. Por isso, compreender a agressividade infantil não significa apenas olhar para o comportamento visível, mas também considerar o contexto familiar, social e emocional ao qual a criança está exposta. Cada criança reage de uma forma diferente às situações do cotidiano, e isso faz com que a agressividade apareça de modos variados, desde explosões mais evidentes até atitudes mais silenciosas, como isolamento e desinteresse.

O estudo também se justifica pela necessidade de relacionar a prática escolar com os conhecimentos da psicologia do desenvolvimento. Autores como Freud, Winnicott, Klein, Wallon, Piaget e Vygotsky contribuem de formas diferentes para entender a formação da personalidade, das emoções e dos vínculos sociais, e isso ajuda a compreender por que algumas crianças apresentam maior dificuldade em controlar a agressividade.

Assim, o presente trabalho tem como finalidade analisar as explicações desses autores e de estudos contemporâneos que discutem a agressividade na infância, identificando o que cada um deles contribui para a prática docente e o que ainda permanece como desafio. A intenção é oferecer uma visão mais clara sobre como a agressividade pode surgir, quais fatores podem intensificá-la e como o professor pode olhar para essas situações com mais preparo e segurança.

2 PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO: PRIMEIRA INFÂNCIA E INFÂNCIA

O desenvolvimento humano é um campo que busca compreender os processos de mudança que ocorrem ao longo da vida. Segundo Papalia e Feldman (2013), esse processo envolve três aspectos fundamentais e inter-relacionados: O aspecto físico, que se refere às mudanças corporais, ao amadurecimento, habilidades motoras e saúde; o aspecto psicossocial, que está ligado as emoções que o indivíduo constrói em suas relações sociais e o aspecto cognitivo, que envolve pensamentos, memórias, emoções, aprendizagem e criatividade. Estes aspectos estão constantemente interligados mostrando que o desenvolvimento humano não ocorre de forma isolada, mas sim como um resultado de influências e vivências ao longo da vida.

Ao longo dos anos diversos teóricos clássicos dedicaram-se a explicar o desenvolvimento humano. Sigmund Freud (1856-1939) propôs que a infância seria marcada por alguns estágios bem como: Estágio oral, onde o prazer da criança está diretamente ligado a boca (fase de amamentação); estágio anal, onde o foco se dá pelo controle dos esfíncteres e a criança começa a lidar com mais questões sociais e com o controle de sua autonomia; estágio fálico, a fase onde a criança inicia as suas percepções sobre as diferenças de gênero. Para ele, experiências mal resolvidas nesses estágios podem gerar consequências na vida adulta, como diversos complexos evidenciados em suas teorias posteriores.

Henri Wallon trás a luz uma proposta de desenvolvimento infantil central na ideia de que a criança se desenvolve não apenas por meio de fatores cognitivos e motores, mas também, por uma interação dialética entre o afetivo, motor, cognitivo e o meio social, destacando o papel fundamental da afetividade no desenvolvimento infantil. Para ele, movimentos, emoção e cognição se alternavam em fases, influenciando assim diretamente a construção do sujeito. Wallon via a criança como um ser em constante diálogo com o outro, um ser completo.

O teórico Lev Vygotsky, por sua vez, enfatizou a importância da cultura e da interação social na formação das funções psicológicas superiores. Para o autor o desenvolvimento não apenas é resultado de processos internos, mas também fruto das relações sociais mediadas pela linguagem e cultura, assim “toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece duas vezes: primeiro, no nível social, e depois, no nível individual” (Vygotsky, 2007). Em suas pesquisas há um destaque a linguagem como instrumento fundamental do pensamento. Um dos conceitos

centrais de sua pesquisa é sua teoria da “Zona de desenvolvimento proximal (ZPD)”, que se refere a distância entre o que a criança consegue realizar sozinha e o que consegue somente com o auxílio de um adulto ou de alguém mais experiente. A teoria ZPD de Vygotsky reforça a importância do papel do outro no processo de ensino-aprendizagem, já que com a mediação de um indivíduo mais experiente é possibilitado a mediação e obtido avanços de forma isolada. Sua pesquisa contribui na compreensão da criança como um ser ativo, destacando a escola e as suas interações sociais como elementos essenciais para seu desenvolvimento.

Jean Piaget desenvolveu sua teoria conhecida como “Epistemologia genética”, onde buscava compreender como o conhecimento humano se forma a partir das interações entre o sujeito e o meio, para ele a criança se desenvolve por meio de estágios sucessivos, em constante adaptação entre os processos de assimilação e acomodação, segundo ele “a inteligência é aquilo que usamos quando não sabemos o que fazer” (Piaget, 1975), enfatizando assim a autonomia do pensamento infantil. A partir de seus estudos Piaget descreve o desenvolvimento na infância em quatro principais estágios: Sensório motor (0 a 2 anos), onde a criança conhece o mundo por meio de seus sentidos, e desenvolve a noção de permanência do objeto; Pré-operatório (2 a 7 anos), onde este período é marcado pelo desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do pensamento simbólico, ainda que limitado pelo egocentrismo; Operatório concreto (7 a 11 anos), onde se consegue realizar operações lógicas, mas ainda aplicadas a situações concretas; e o Operatório formal (a partir dos 12 anos), onde surge o pensamento abstrato e hipotético, possibilitando o raciocínio mais complexo. (Piaget 1976). Suas teorias consideram que a aprendizagem deve respeitar os estágios de desenvolvimento da criança, oferecendo desafios adequados para seu avanço cognitivo.

Burrhus Frederic Skinner foi dos principais representantes do Behaviorismo que consiste em uma abordagem da psicologia onde se estuda o comportamento humano observando-o, também conhecido como “comportamentalismo radical”. Em sua teoria Skinner busca entender o comportamento humano como resultado das interações sociais entre o indivíduo e o ambiente. O autor acreditava que, desde a infância, o comportamento é aprendido e mantido de acordo com as respostas do ambiente. Para Skinner, o desenvolvimento e a aprendizagem ocorrem através do processo de condicionamento operante, no qual comportamentos seguidos de reforços positivos tendem a se repetir, enquanto os seguidos de punições tendem a diminuir (SKINNER, 1953). A principal contribuição de Skinner para a educação está em compreender que o comportamento pode ser modificado por meio do controle de

contingências de reforço, ou seja, pela organização do ambiente de aprendizagem de forma que comportamentos desejados sejam incentivados. Levando em consideração essa perspectiva, o papel do professor é o de mediador e organizador de um ambiente que estimule o comportamento desejado, trazendo uma visão de que o comportamento humano pode ser compreendido e transformado a partir da relação entre ação e consequência. Para a autora deste artigo a perspectiva de Skinner pode ser observada de forma constante em ambientes como as salas de referência, onde se trata de um ambiente “isolado” onde os comportamentos tendem a ser moldados para um melhor funcionamento da rotina escolar.

Embora tenham apresentado estudos amplos e diversos sobre o desenvolvimento humano, entre as teorias destacadas nota-se uma lacuna com relação a agressividade na infância. Em cursos de Pedagogia, grande parte das disciplinas concentra-se no desenvolvimento motor, na coordenação motora fina e ampla, nas habilidades intelectuais, na aquisição da linguagem e nas expressões corporais e gestuais. Entretanto, aspectos comportamentais, como a agressividade, ressaltando especificamente em sua idade inicial de inclusão escolar (por volta de 0 a 6 anos), tendem a receber uma atenção reduzida, essa observação trata-se de uma reflexão da autora, não fundamentada em pesquisas específicas.

Esse comportamento é muitas vezes compreendido como algo incomum ou anormal, reforçando um imaginário social que retrata a infância como um período exclusivamente “mágico”, alegre e tranquilo. Tal visão negligencia os desafios emocionais e comportamentais que também fazem parte desse estágio de desenvolvimento.

Um consenso presente em diversas teorias da literatura é que podem existir múltiplas variáveis para as manifestações agressivas na infância. Fatores biológicos, sociais, culturais e emocionais estão entre os aspectos mais mencionados. Por isso, estudiosos da temática alertam para a importância de sua identificação precoce.

3 METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa e exploratória, sendo o objetivo compreender as diferentes concepções e teorias acerca da agressividade infantil, as relacionando ao desenvolvimento psicológico e as manifestações de comportamentos observados no contexto escolar.

A pesquisa buscou integrar alguns dos principais autores clássicos da

psicologia como Sigmund Freud; Melanie Klein; Donald Winnicott; Henri Wallon; Jean Piaget; Lev Vygotsky e B. F. Skinner com estudos contemporâneos de modo a construir uma visão multidimensional sobre o fenômeno da agressividade infantil.

A pesquisa bibliográfica se deu por leitura, análise e comparação de livros, artigos científicos e textos acadêmicos sobre o comportamento agressivo na infância. Os materiais foram selecionados com base em sua relevância teórica e contribuição para a compreensão do tema, abrangendo diferentes abordagens: Psicanalítica, comportamental, cognitiva e sociointeracionista. As obras incluídas no texto foram utilizadas para identificar os fundamentos teóricos que explicam a origem, a expressão e as possíveis formas de mediação da agressividade infantil.

As buscas foram realizadas na base de dados SciELO Brasil (Scientific Electronic Library Online), com os seguintes descritores: agressividade infantil e comportamento agressivo, agressividade e escola, comportamento antissocial infantil, psicologia do desenvolvimento e educação infantil, criança e aprendizagem, comportamento e afetividade.

O período de busca compreendeu de 2000 a 2025, abrangendo especialmente publicações em português e de acesso livre nas áreas de Psicologia e Educação. Os critérios de inclusão considerados foram:

- Artigos, livros e dissertações publicadas entre 1960 e 2025;
- Materiais que abordam a agressividade em crianças de até 10 anos;
- Textos que contemplam a agressividade para além de aspectos somente urbanos ou sociais.

E os critérios de exclusão considerados foram os seguintes:

- Pesquisas voltadas exclusivamente para adolescentes e adultos;
- Estudos cujo foco principal seja violência urbana ou criminalidade;
- Textos opinativos ou sem fundamentação teórica consistente;
- Trabalhos repetidos ou com dados incompletos.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão foram identificadas 26 publicações, nas bases SciELO. O quantitativo de materiais excluídos dessas bases foram 6, por foco inadequado, idioma, duplicidade. Foram lidas integralmente 20 textos que incluem clássicos e pesquisas empíricas recentes utilizadas neste texto.

4 UM BALANÇO SOBRE A AGRESSIVIDADE INFANTIL NA ESCOLA BRASILEIRA

O estudo sobre a agressividade infantil mostra que esse tema vem sendo discutido há muitas décadas, por diferentes autores e com perspectivas variadas.

Segundo Santos (2008), “as consequências muitas vezes passam do âmbito familiar e vão refletir de modo a prejudicá-lo em sua fase adulta”. Tendo em vista que comportamentos agressivos são frequentemente causadores de diversos conflitos potencialmente perigosos, é essencial que sejam observados com cautela desde as primeiras manifestações.

Para muitos futuros pedagogos, o ingresso em sala de aula representa um “choque de realidade”, pois se deparam com comportamentos que não correspondem à visão idealizada apresentada durante a formação inicial. Apesar de haver produções acadêmicas que discutem a agressividade na infância, esse tema ainda é cercado por tabus, o que dificulta uma abordagem ampla, crítica e efetiva sobre a sua complexidade.

Manifestações agressivas fazem parte do processo natural de aprendizagem emocional. No entanto, quando ocorrem de maneira persistente ou inadequada, exigem atenção especial por parte da escola e da família, que “ao oferecer um ambiente relativamente estável, com regras claras, a escola configura um espaço de confiabilidade, constância e segurança” (Souza; Castro, 2008). Por esse motivo, as manifestações agressivas são frequentemente expressas com mais intensidade no ambiente escolar, pois este oferece à criança a segurança necessária para externalizar seus sentimentos e frustrações.

Nos últimos anos, as equipes pedagógicas têm demonstrado crescente preocupação em relação ao aumento desses comportamentos no ambiente escolar, levantando reflexões sobre suas possíveis causas e formas adequadas de intervenção.

Para organizar as contribuições, apresenta-se aqui os trabalhos em ordem cronológica, destacando seus métodos, principais resultados e também aquilo que ficou em aberto em cada pesquisa, como reflete o quadro a seguir.

Quadro 1: Balanço dos estudos sobre a agressividade na escola brasileira

Autor/Ano	Objetivo do estudo	Pontos de encontro com outros autores	Diferenças / Perspectiva teórica	Contribuições práticas ao professor
Silvares (2000)	Aplicar a terapia comportamental com famílias de crianças agressivas.	Concorda com Skinner sobre o papel do reforço ambiental.	Ênfase na intervenção familiar e comportamental.	Propõe envolvimento da escola e da família; aplicável na prática docente.
Maia & Vilhena (2003)	Relacionar agressividade e violência na contemporaneidade.	Confirma influência social e cultural na agressividade.	Enfoque sociológico.	Ajuda a contextualizar o fenômeno; sem aplicação pedagógica.
Royer (2003)	Avaliar práticas docentes e condutas agressivas na escola.	Confirma ausência de preparo docente.	Diagnóstico institucional.	Indica a importância da formação continuada.
Campos (2004)	Discutir a agressividade como parte do desenvolvimento.	Vê agressividade como natural, ligada à frustração.	Revisão teórica ampla.	Contribui com entendimento teórico; sem aplicação direta.
França & Yaegashi (2005)	Investigar causas familiares da agressividade infantil.	Confirma a importância do ambiente familiar e afetivo.	Enfoque psicoeducativo; influência de práticas parentais.	Indica orientação aos pais e diálogo escola-família.
Pavarino, Del Prette & Del Prette (2005)	Correlacionar empatia e agressividade em pré-escolares.	Relação inversa entre empatia e agressividade.	Abordagem empírica e relacional.	Propõe desenvolvimento de habilidades sociais e empatia em sala.

Souza & Castro (2006)	Estudar a percepção docente sobre a agressividade infantil.	Reconhece falhas na formação e práticas punitivas na escola.	Mostra que professores confundem agressividade com indisciplina.	Reforça a necessidade de formação docente e acolhimento emocional.
Santos (2008)	Analisar causas e consequências da agressividade infantil.	Aponta fatores familiares e emocionais como causas centrais.	Perspectiva psicossocial.	Sugere diálogo escola-família, mas sem protocolos aplicados.
Cruz & Pain (2009)	Discutir a psicomotricidade sob o enfoque walloniano.	Reforça a unidade entre corpo, emoção e cognição.	Interpretação pedagógica do movimento.	Orienta atividades corporais e expressivas em sala.
Galvão o (2014)	Retomar o pensamento de Wallon sobre afetividade.	Destaca o papel das emoções no desenvolvimento.	Revisão conceitual walloniana.	Incentiva práticas de escuta e empatia na escola.
Borsa & Bandeira (2014)	Sistematizar pesquisas sobre comportamento agressivo.	Integra fatores biológicos, sociais e psicológicos.	Perspectiva interdisciplinar.	Indica estratégias preventivas e formação de professores.

Fonte: Elaborado pela autora.

Klein (1927/1970), em "Tendências criminais em crianças normais", analisou pela psicanálise como as pulsões destrutivas já se manifestam nos primeiros anos de vida. Seu método foi clínico e baseado na observação. O estudo mostrou que a agressividade está presente também em crianças consideradas "normais". Mas, mesmo sendo um texto importante, não se aproximou do ambiente escolar, o que deixa uma lacuna no uso de suas ideias na prática pedagógica.

Mucchielli (1963), em "A personalidade da criança: sua formação do nascimento até o fim da adolescência", trouxe uma análise sobre como o "Eu" da criança se constitui em relação ao outro. O autor apontou que a oposição e a resistência são formas pelas quais a criança se reconhece e forma sua identidade. Apesar disso, o texto não apresenta exemplos práticos de como a escola pode lidar

com esses processos, ficando restrito ao campo teórico.

Freller (1993), em sua dissertação "Crianças portadoras de queixa escolar: um enfoque winnicottiano", utilizou uma metodologia clínica e qualitativa, estudando casos de crianças com dificuldades escolares. A pesquisa destacou que a agressividade pode ser uma forma de expressão de necessidades emocionais não atendidas e que a escola pode ter um papel transformador. Contudo, não indicou caminhos concretos de intervenção pedagógica, o que limita seu uso pelos professores.

Silvares (2000), em "Terapia comportamental com familiares de crianças agressivas", trouxe uma proposta prática de intervenção, envolvendo a família no tratamento de crianças agressivas. Os resultados mostraram que quando os pais se envolvem, a agressividade pode ser reduzida. Mas, por outro lado, o estudo não discutiu o papel da escola nesse processo, deixando de lado uma parte importante do contexto da criança.

Maia e Vilhena (2003), no texto "Reflexões sobre a agressividade, comportamento anti-social e violência na contemporaneidade", apresentaram uma análise teórica, sem metodologia empírica. O estudo destacou a relação entre a agressividade e a sociedade moderna. Entretanto, não houve aprofundamento sobre a infância ou sobre práticas escolares, ficando em nível mais geral.

Royer (2003), em "Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores", analisou relatos de docentes e práticas escolares. Os resultados mostraram que professores, diante de comportamentos agressivos, tendem a usar posturas punitivas, por não saberem como intervir de outra forma. O estudo apontou o problema, mas não ofereceu propostas consistentes de formação para os docentes.

Campos (2004), no artigo "Agressividade infantil", fez uma discussão teórica sobre a agressividade como fenômeno presente na infância. A metodologia foi bibliográfica, e os resultados destacaram que a agressividade pode ser vista como parte do desenvolvimento, mas precisa ser acompanhada para não se tornar um problema. A crítica é que o texto é breve e não detalha propostas de intervenção no espaço escolar.

França e Yaegashi (2005), no estudo "A agressividade na infância: um estudo sobre suas causas e consequências", realizaram uma pesquisa qualitativa, analisando o papel da família na manifestação da agressividade. Os resultados mostraram que a ausência de limites claros e a falta de disciplina fazem com que os comportamentos agressivos aumentem. Porém, o trabalho pouco dialoga com a

escola, concentrando-se quase exclusivamente no ambiente familiar.

Pavarino, Del Prette e Del Prette (2005), em "Agressividade e empatia na infância: um estudo correlacional com pré-escolares", adotaram uma metodologia empírica, com aplicação de testes e observações. Os resultados mostraram uma relação direta entre níveis baixos de empatia e altos índices de agressividade. Apesar de ser um estudo relevante, não trouxe reflexões sobre como os professores poderiam estimular a empatia em sala de aula como forma de prevenção.

Souza e Castro (2006), no texto "Agressividade infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor", realizaram entrevistas e questionários com professores. O estudo mostrou que muitos confundem agressividade com indisciplina ou "malcriação", e por isso recorrem, na maioria das vezes, a medidas punitivas. A crítica é que a pesquisa trouxe o diagnóstico, mas não apresentou propostas formativas para transformar essas práticas.

Távora (2007), em "Como abordar a agressividade?", fez uma reflexão teórica sobre o tema. O autor destacou que quando a criança é tratada como um problema indesejado, isso pode acentuar ainda mais sua agressividade. Mas, como não houve pesquisa empírica, o texto não oferece exemplos práticos de como agir diante dessas situações.

Santos (2008), em "Agressividade infantil: possíveis causas e consequências", realizou uma revisão bibliográfica, analisando fatores familiares e sociais. A autora mostrou que tanto a negligência quanto a permissividade excessiva podem estimular a agressividade infantil. Apesar de ser um estudo consistente, não incluiu observações diretas em escolas, ficando apenas no campo da teoria.

Borsa e Bandeira (2014), em "Comportamento agressivo na infância: da teoria à prática", organizaram um livro que reúne diferentes pesquisas. O enfoque foi teórico e prático, discutindo causas biológicas, psicológicas e sociais da agressividade. Os resultados reforçam que não existe uma única explicação para a agressividade, mas sim um conjunto de fatores. O ponto fraco é que o livro traz poucas aplicações diretas para a prática pedagógica.

Silva et al. (2015), no artigo "Considerações sobre a agressividade infantil", fizeram uma revisão bibliográfica sobre a temática. O texto destacou que a agressividade pode aparecer tanto em explosões de raiva quanto em comportamentos de isolamento. Contudo, a pesquisa foi superficial na descrição da metodologia e não trouxe dados empíricos que comprovassem as análises.

Deodato e Silva Oliveira (2022), em "A formação docente e a agressividade infantil", discutiram o quanto os cursos de pedagogia ainda deixam de lado essa

temática. A metodologia foi bibliográfica, complementada por relatos de estágios supervisionados. O estudo mostrou que a falta de formação específica sobre agressividade infantil é um obstáculo para os professores em sala de aula. Mas, ao mesmo tempo, não apresentou propostas metodológicas práticas que possam ajudar diretamente os docentes.

É importante destacar também os escritos de Winnicott. Em textos como "Agressão (1939/1987a)", "A tendência anti-social (1956/1987b)" e "A criança e o seu mundo (1982)", o autor trouxe reflexões profundas sobre a agressividade como parte do desenvolvimento humano. Para ele, a agressividade pode ser transformada quando encontra um ambiente acolhedor e firme, capaz de dar limites sem rejeitar a criança. Os resultados de suas análises mostram a importância da escola e da família como espaços de mediação. Entretanto, seus textos são teóricos e clínicos, sem propostas pedagógicas detalhadas, o que exige dos educadores o exercício de adaptação para o cotidiano escolar. Com base nas análises apresentadas, a tabela a seguir sintetiza os principais estudos sobre a agressividade infantil utilizados neste estudo, destacando suas abordagens, metodologias e contribuições para o trabalho docente.

Em 2016, a autora Larissa Ferreira publicou um artigo que servirá como uma espécie de "manual" com orientações para professores sobre a forma adequada de lidar com comportamentos agressivos e suas possíveis causas, destacando a abordagem de alguns estudiosos da psicanálise em relação as possíveis causas e como se manifestam os primeiros indícios da agressividade na infância.

Em geral, comportamentos como agressões físicas, verbais, autolesão ou conflitos constantes com colegas são considerados formas explícitas de agressividade. Entretanto, o reconhecimento desses comportamentos como pedidos de ajuda ou expressão de emoções muitas vezes mal compreendidas ainda é um desafio na prática pedagógica.

O sentimento de impotência diante de crianças agressivas é frequente entre docentes que não foram suficientemente preparados durante a formação inicial para lidar com tais situações. Assim, torna-se fundamental considerar que, para muitas crianças, a escola representa o único espaço possível para a expressão de suas angústias e sentimentos. Compreender a agressividade infantil, portanto, requer uma abordagem que vá além do comportamento visível. É necessário reconhecer a subjetividade da criança, seus vínculos familiares, sua realidade social e econômica, bem como a faixa etária, o gênero e o ambiente no qual os comportamentos ocorrem. A origem da agressividade, em geral, está ligada a uma série de fatores

combinados e não a um único agente isolado.

O comportamento da criança é resultado das vivências e experiências às quais está exposta. Quando essas experiências envolvem contextos familiares fragilizados ou modelos inadequados de resolução de conflitos, a criança tende a reproduzir esses padrões no ambiente escolar. Nesses casos, não apenas os colegas ou professores sofrem com os impactos da agressividade, mas a própria criança, que se vê presa em um ciclo de desajustes emocionais, também sofre prejuízos a curto e longo prazo.

Ainda que a agressividade possa se apresentar de forma explícita, por meio de explosões e conflitos, ela também pode manifestar-se de forma passiva, como apatia, isolamento ou desinteresse. Em ambas as situações, há prejuízos significativos no processo de aprendizagem e nas relações interpessoais da criança.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as possíveis consequências de comportamentos agressivos não acompanhados, estão o desenvolvimento de traços antissociais, dificuldades de socialização, desinteresse pelas atividades escolares, baixa tolerância à frustração e ausência de empatia. A prevenção e o acompanhamento desses comportamentos, desde os primeiros anos da infância, são medidas fundamentais para a construção de trajetórias mais saudáveis e equilibradas, tanto no ambiente escolar como no âmbito social do indivíduo.

Por fim, ao abordar a agressividade infantil, é essencial que as ações educativas estejam pautadas em uma compreensão sensível e contextualizada da criança, assegurando intervenções que promovam o desenvolvimento emocional e social de forma ética, respeitosa e integral. Nesse processo, é fundamental trabalhar o respeito mútuo, os valores, os direitos e os deveres que sustentam a convivência em sociedade.

Como proposta para pesquisas futuras, pretende-se realizar um estudo longitudinal baseado na análise dos relatórios pedagógicos das professoras atuantes na educação infantil series iniciais, afim de observar a evolução dos alunos ao longo do ano letivo. A intenção é compreender como o contexto escolar e as práticas docentes influenciam o comportamento e o desenvolvimento emocional das crianças, especialmente aquelas que apresentam manifestações agressivas.

REFERÊNCIAS

- BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel. Uma breve introdução ao tema dos comportamentos agressivos. In: BORSA, Juliane Callegaro; BANDEIRA, Denise Ruschel (org.). **Comportamento agressivo na infância**: da teoria à prática. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. p. 9–21.
- CAMPOS, Adriana. **Agressividade infantil**. Educare, Portugal, 2004.
- CRUZ, M.; PAIN, M. Tendências da educação psicomotora sob o enfoque walloniano. **Psicologia**: Ciência e Profissão, Brasília, v. 29, n. 1, p. 68–79, 2009.
- DEODATO, Adriana. **Formação docente e a agressividade infantil**. 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br>. Acesso em: 7 out. 2025.
- FRELLER, C. C. **Crianças portadoras de queixa escolar**: um enfoque Winnicottiano. 1993. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1993.
- FRANÇA, S. L.; YAEHASHI, S. F. R. **A agressividade na infância**: um estudo sobre suas causas e consequências. Maringá: Centro Universitário de Maringá – CESUMAR, 2005.
- FREUD, Sigmund. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. 4. ed. Rio de Janeiro: Imago, 2001. (Obra original publicada em 1900).
- FREUD, Sigmund. **O ego e o id**. Tradução de Jayme Salomão. 6. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1996. (Obra original publicada em 1923).
- FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obra original publicada em 1930).
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. Tradução de Paulo César de Souza. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. (Obra original publicada em 1905).
- FREUD, Sigmund. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901–1905)**. Obras completas, v. 6. Tradução, introdução e notas de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. Petrópolis: Vozes, 2014.
- KLEIN, Melanie. Tendências criminais em crianças normais. In: KLEIN, Melanie. **Contribuições à psicanálise**. v. 1. São Paulo: Mestre Jou, 1970. p. 197–213. (Obra original publicada em 1927).
- MAIA, M. V. M.; VILHENA, J. "Nos deram espelhos e vimos um mundo doente": reflexões sobre a agressividade, comportamento anti-social e violência na contemporaneidade. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, Garça, nov. 2003.

MUCCHIELLI, Roger. **A personalidade da criança**: sua formação do nascimento até o fim da adolescência. 2. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora A. M. Teixeira & C.^a (Filhos), 1963.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio-histórico. São Paulo: Scipione, 2010.

PAPALIA, Diane E.; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PAVARINO, M. G.; DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Agressividade e empatia na infância**: um estudo correlacional com pré-escolares. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos – UFSC, 2005.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1976.

ROYER, E. Condutas agressivas na escola: pesquisas, práticas exemplares e formação de professores. In: UNESCO (org.). **Desafios e alternativas**: violência nas escolas. Brasília: UNESCO, 2003.

SANTOS, Ellen Fernanda. Agressividade infantil: possíveis causas e consequências. São Paulo: **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, 2008.

SILVA, I. A.; LUCATTO, L. C.; CRUZ, L. A. N.; MARTINS, R. A. Considerações sobre a agressividade infantil. **Revista de Educação e Ensino**, Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2015.

SILVARES, E. F. M. **Terapia comportamental com familiares de crianças agressivas**: por que, como e quando. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – IPUSP, 2000.

SKINNER, B. F. **Ciência e comportamento humano**. Tradução de João Carlos Todorov e Rachel Kerbauy. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

SKINNER, B. F. **Science and human behavior**. New York: Macmillan, 1953.

SOUZA, Maria Abigail; CASTRO, Eugênia Fernandes. **Agressividade infantil no ambiente escolar**: concepções e atitudes do professor. São Paulo, 2006.

TÁVORA, Clino. **Como abordar a agressividade?** Portugal: SaúdeRam, 2007.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 2007.

WINNICOTT, D. E. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: J. C., 1982.

WINNICOTT, D. W. Agressão. In: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987a. p. 89–96. (Obra original publicada em 1939).

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social. In: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. São Paulo: Martins Fontes, 1987b. p. 127–137. (Obra original publicada em 1956).